

CARLOS ERNANI ROSADO SOARES

MÁXIMO MEDEIROS FILHO - O CIENTISTA

Elogio do Patrono da Cadeira nº 20
da Academia Norte-Rio-Grandense de Ciências
- Máximo Medeiros Filho -

COLEÇÃO MOSSOROENSE

SÉRIE B

NÚMERO 623

1989

ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE CIÊNCIAS - ANOCI
(Gestão 1988 - 1990)
Data de Fundação: 20.07.1988

DIRETORIA

Presidente: Jerônimo Vingt-un Rosado Maia
Vice-Presidente: José Henrique Bittencourt
Secretário Geral: Benedito Vasconcelos Mendes
Diretor Científico: Paulo Sérgio Lima e Silva
Diretor Social: Sebastião Monte
Diretor de Patrimônio: Uílame Umbelino Gomes

CONSELHO CONSULTIVO

Carlos Ernani Rosado Soares
Edgar Ramalho Dantas
João Batista Cascudo Rodrigues
Mário Moacir Porto
Otto de Brito Guerra
Veríssimo Pinheiro de Melo

COMISSÃO EDITORIAL

Paulo Sérgio Lima e Silva (Presidente)
Eudenilson de Albuquerque Lins
Henry Ramos Matthews
Josué Fernandes Pedrosa
Raimundo Saraiva da Costa

Sede: Escola Superior de Agricultura de Mossoró - ESAM
Caixa Postal 137 - CEP 59.600 - Mossoró - RN
Telefones: (084) 321-1765 e 321-1287 - Telex: 843152

CARLOS ERNANI ROSADO SOARES

MÁXIMO MEDEIROS FILHO - O CIENTISTA

Elogio do Patrono da Cadeira nº 20
da Academia Norte-Rio-Grandense de Ciências
- Máximo Medeiros Filho -

COLEÇÃO MOSSOROENSE

SÉRIE B

NÚMERO 623

1989

A Secretaria Geral do Ministério da Educação colaborou com a edição deste Título.

Homenagem especial a MANUEL MARCOS MACIEL FORMIGA.

ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA DE MOSSORÓ FUNDAÇÃO GUIMARÃES DUQUE (Iniciada em 1948, na gestão do Prefeito Municipal Jerônimo Dix-Sept Rosado Maia, liderada pela Escola Superior de Agricultura de Mossoró, a partir de 1974, sob a Direção da Fundação Guimarães Duque, a começar de 1978. A BATALHA DA CULTURA estabeleceu as seguintes METAS PARA O ANO DE 1997:

| ANOS | TÍTULOS | LIVROS | PLAQUETAS |
|--------------|--------------|--------------|--------------|
| 1948-1988 | 1.188 | 434 | 754 |
| 1989 | 100 | 60 | 40 |
| 1990 | 100 | 60 | 40 |
| 1991 | 100 | 60 | 40 |
| 1992 | 100 | 60 | 40 |
| 1993 | 100 | 60 | 40 |
| 1994 | 100 | 60 | 40 |
| 1995 | 66 | 60 | 06 |
| 1996 | 60 | 60 | 00 |
| 1997 | 86 | 86 | 00 |
| Total | 2.000 | 1.000 | 1.000 |

Em 25 de setembro de 1997, a Fundação Guimarães Duque pretende atingir os 1.000 livros, num universo de 2.000 títulos, na XXIIIª Noite da Cultura, na Loja Maçônica Jerônimo Rosado.

Mossoró, Rn.

Que me seja permitido dizer, de início, o quanto me honra pertencer a esta Academia, ao lado de figuras tão ilustres do meu Estado, que aprendi a respeitar e admirar. Não se questiona mais, e isto já foi dito por outros colegas acadêmicos em ocasiões pretéritas da importância e da repercussão que uma Academia tem para o local que a sedia. Incidíamos em um lugar comum se repetir fôsse que a ela pertencer constitui o galardão maior que pode almejar o cientista de qualquer Nação.

Coube à gente pioneira de Mossoró, na figura tenaz e singela do seu apóstolo da cultura - VINGT-UN ROSADO - levar adiante mais esse empreendimento. Ainda aqui, à parte laços sanguíneos e afetivos, muito teria que se dizer do trabalho de Vingt-un, apesar do tanto que já se disse. Eu pediria vênias para dizer do que sei e do que vi de que nos últimos 40 anos sua presença é uma constante em tudo que se fez pela cultura em Mossoró, ora na linha de frente, ora semelhando aquele agente catalítico tão discreto, mas sem o qual não se de

flagram grandes reações. Eu mesmo tantas vezes fui convocado a participar daquilo que ele chamou "A Batalha da Cultura de Mossoró"...

Volto à minha terra mais uma vez, sempre com a mesma sensação de encantamento, envolvido que fico pelas teias da malha do passado. Não digo a lapidar frase de José Américo de que ninguém se perde no caminho da volta, porque, na realidade, daqui nunca saí espiritualmente.

Sou ainda umbilicalmente preso à Avenida Alberto Maranhão, onde nasci; palmilho as ruas da minha infância, cheias de sol, de pedra e de poeira, hoje tão diferentes!; re-vejo o casario por vezes mudado, a febricitante atividade do sal e do petróleo, vejo Mossoró sede de uma Universidade e desta ímpar Escola de Agronomia, e lembro a pacata Mossoró dos anos 30 onde o Ginásio Diocesano Santa Luzia e o Colégio das Freiras (como chamávamos) eram a expressão maior da vida intelectual; a cidade tenaz não tinha água: a de beber vinha

de um poço chamado 101, que era sua quilome -
tragem até Mossoró pela Estrada de Ferro; daí,
a chuva era bem vinda aos campos e uma festa
para a cidade. Cisternas enormes - jamais eu
viria pela minha vida afora cisternas do tama
nho das de Mossoró, que armazenavam o líquido
precioso, posteriormente bombeado por força ma
nual, e quantas vezes eu fiz isso... As pri
meiras chuvas vinham com aquele cheiro típico
do arrastar da argila dos telhados, e as "bi
cas" famosas da cidade eram disputadas para
banhos. A nossa era a do Tiro de Guerra mas
às vezes nos aventurávamos até a da Catedral
tida como a prova maior do heroísmo, pela al
tura... Os trens povoavam nossa infância. Jul
gávamos ser proprietários de locomotivas, cu
jos feitos louvávamos, por elas brigávamos. Os
apitos dos trens estavam a uma perfeita dis
tância de nossas casas. Proustianamente, os
sons das chuvas e dos trens sempre me levam
aos dias de minha infância.

Orgulho-me, hoje, de ver o trabalho de

tanta gente, muitos que me são caros pelo san gue, e outros pela amizade, como é o caso de João Batista Cascudo Rodrigues que vislumbrou o porvir de uma região ao batalhar pela criação de sua Universidade.

Recordo o entusiasmo juvenil com que acompanhamos, estudantes universitários, as primeiras perfurações de petróleo na Gangorra. Acompanhávamos quase metro a metro, e ouvimos quando falaram que as sondas encontraram arenitos impregnados de óleo. Depois, a decepção do abandono dos trabalhos. Mas muitos continuaram acreditando: Vingt-un não parou de escrever, batalhar, convencer da necessidade da retomada das perfurações. Tão visionário do petróleo quanto acreditou no lençol do arenito Assu, que nos veio a dar a generosa água tão perseguida.

E são tantas as coisas que meus olhos vêem e meu coração sente, que seria tedioso ficar aqui a desfiá-las. Pareceria mesmo extemporâneo esse preâmbulo, quando a noite é

de Máximo Medeiros Filho. Mas é preciso que se diga que, já naquela época, precárias que fossem as condições, era Mossoró a Meca intelectual do Oeste do Rio Grande do Norte, e de áreas do Ceará e Paraíba.

Se insisti em me alongar na descrição da ambiência, faço-o para relembrar Máximo que sempre expunha suas idéias quanto ao complexo homem-meio, e sigo a boa companhia de Euclides da Cunha que imortalizou à perfeição esse desenvolvimento em "Os Sertões".

É aqui nesse cenário que o menino de Augusto Severo inicia seus estudos e sua vivência intelectual. Se me permitem um salto no tempo, chamaria a atenção que essa fase foi marcante em toda a sua vida. Máximo foi sempre fiel às suas origens, enquanto viveu. Não apenas fiel, mas terno amante do Rio Grande do Norte e de Mossoró que era como que uma extensão de sua terra natal.

Meu amigo mais fraterno, que a morte prematura nos privou de sua extraordinária

bondade e de sua capacidade, era um oestano legítimo e autêntico. Fica difícil depois do que eu e Vingt-Un já escrevemos sobre ele rebuscar algo diferente. Mas, ao tê-lo como Patrono, muitas coisas têm que ser ditas ou reditas para que nossa terra e sua gente se sintam sempre orgulhosas do filho que tiveram.

Está o menino Máximo nos seus primeiros passos intelectuais no velho Diocesano. Já aí estudante sério, compenetrado, responsável, participante, mas ao mesmo tempo amigo e simpático. Esse binômio competência-simplicidade seria a fascinante tônica de toda sua vida. Não repetirei suas raízes de família de professores tão bem postas por Vingt-un. Mas não posso me furtar de falar de sua genitora - D. Maria Joana. Não guardo muitas recordações de seu genitor, homem reconhecidamente de bem. Meu sogro, anos depois, lembraria o Máximo pai em companhia do Máximo estudante em Natal, no seu escritório, e relatava a impressão que lhe causava a enorme quantidade de água que

ele bebia, provável fruto do diabetes. D. Maria Joana, com quem os filhos mantêm grande semelhança física em seus traços, era a bonda de personificada. De uma simpatia que se traduzia em cada palavra, em cada gesto. Guardadas as proporções e particularidades, Máximo tinha essa afabilidade que eu diria atávica.

Em 1948, sentindo a necessidade de ampliar horizontes, vem estudar em Natal. Com igual brilhantismo, faz o curso colegial pela manhã e o comercial à noite. Integrou-se com uma geração ilustre da qual faziam parte figuras relevantes de nossa vida cultural e política. Que encontrava o jovem Máximo na Natal dos anos 40? Uma cidade transfigurada em função da II Guerra Mundial, que experimentava impacto cultural tremendo, fato que John Gunther reconheceria em futuros livros. Foram milhares e milhares de norte-americanos que nos legaram um universo de modismos aos quais a cidade não poderia ficar indiferente... Passado o pesadelo da guerra, o mundo todo vivia

os dias felizes da paz. O Brasil, rico em divisas acumuladas, quem nos deviam eram os outros, não fugia à regra. Havia um certo comportamento hedonista e de tranquila irresponsabilidade ...

Mas Máximo não mudou. Continuou metódico e obstinado, fiel aos seus princípios , na busca dos objetivos a que se propunha: aprender sempre e mais.

Recife, cidade a que amou profundamente, seria seu próximo porto, navegante no oceano da cultura. Sendo aplicadíssimo aluno e apreciador das Ciências Exatas, eis que opta por fazer o vestibular de Medicina, o que acontece em 1951. Foi um ano em que a Universidade do Recife fez um dos seus vestibulares mais rigorosos: de 440 candidatos passaram apenas 40, e Máximo ficou em 8º lugar. Esse ano marcou, ademais, o nosso reencontro, pois foi em 51 que, deixando Fortaleza, fui estudar em Recife.

Desde o vestibular e por todo o curso

médico, tive de Máximo segura orientação. Livros, anotações, observações, comentários, tudo ele me proporcionou para meu melhor aproveitamento. Era extremamente metódico, e eu próprio troçava quando me deparava com os roteiros dos seus dias, onde tudo era esquematizado: de tal a tal hora, tal matéria, e assim sucessivamente, inclusive as horas de lazer.

Além desse curso médico, preciso e dedicado, Máximo foi aluno do CPOR, tendo escolhido a arma de Artilharia, exatamente por apresentar melhores oportunidades de desafios na Física e na Matemática. Dessas duas matérias, fez vários cursos de extensão, na Escola de Engenharia. Foi aluno de Luiz Freire , famoso professor de Física, de quem se tornou amigo, e de Newton Maia. No 3º ano médico, teve a influência definitiva de Bezerra Coutinho, sem favor uma das inteligências mais lúcidas que o Brasil já teve, e com quem Máximo aprendia Medicina em geral, Física e sobretudo Filosofia. Mário Ramos e Luiz Siqueira tam

bém muito influenciaram em sua formação médica.

A respeito desta, gostaria de mostrar o quanto Máximo gostava de aprender e aprender cada vez mais: independente de suas anotações de aula, que ele repassava cuidadosamente, e muitas das quais ainda conservo comigo, herdeiro que fui, ele estudava pelo livro-texto recomendado, fazia anotações na Biblioteca e quase nunca se limitava a um livro só. Sei que cansarei a paciência dos ouvintes, mas não posso me furtar de citar alguns exemplos, tantos foram: a Histologia adotada era a de Máximow-Bloom, Máximo tinha esta e a de Cowdry; Ney Cabral era o autor da Física Médica, ele lia Raul Wernicke; a Química de Deulofeu-Marenzi a que ele recorria, supria precárias apostilas; Best-Taylor era a Fisiologia que complementava o já excelente texto de Houssay; a Bacteriologia de Otto Bier reconhecia como adendo a de Hans Zinsser, idem, a Parasitologia de Samuel Pessoa com o texto de Craig-

Faust, e assim tantos outros. Não ficava aí: às vezes, passada a matéria, ele se desfazia de um dos livros (eu mesmo ainda tenho alguns) e mais adiante comprava uma nova edição, quando julgava merecedora.

E, assim, foi durante todo o curso médico, que concluiu em 1956. Tudo isso não impedia que Máximo deixasse de apreciar um bom cinema, uma boa leitura, ocasionalmente uma festa em companhia dos amigos que apreciava. E muitos ele fez. Todos admiravam a lhanza de trato, o cavalheirismo e a simplicidade da quele que era sabidamente um estudante fora de série. Encontrou tempo para tudo: estudos médicos, estudos paralelos de Física, Matemática, Filosofia e Inglês. Já mencionei suas atividades de militar e ainda seus conhecimentos de cinema e literatura. Amante da poesia, era admirador de Vinicius de Moraes, Bandeira, Carlos Pena Filho e Augusto Frederico Schmidt, e nos laivos românticos que matizaram sua trajetória recifense, chegou mesmo a decorar e

gostar, talvez, de J.G. de Araújo Jorge!

Trabalhamos juntos, também, como aca
dêmicos, no Hospital Getúlio Vargas, do anti-
go IAPETC onde ele deixou enorme círculo de
amizades.

Formando-se em 8 de dezembro de 1956,
numa colação que contou com uma notável e
eterna oração do paraninfo Eduardo Wanderley
Filho, seguiu para o Rio de Janeiro, para a
Residência no Hospital dos Servidores do Estado
do.

Prosseguiria, aí, metódica e resolutame
mente a sua carreira. Os primeiros meses eram
da parte rotatória, mas ele anunciava que os
3 meses da Clínica Médica, pretendia dedicá -
los intensamente à Hematologia Clínica. Em
março de 1957, fez curso intensivo com o pro-
fessor Moisés Polak, da Argentina, discípulo
do famoso Rio Ortega. Típicamente do seu es-
quema de trabalho, concluiu o rodízio em
Anatomia Patológica e estava no Banco de San-
gue. Fazia um curso de Medicina de Urgência

às 2ª, 4ª e 6ª, das 7 e meia às 8 e meia, e de inglês (para aprender a falar, segundo ele próprio) nos mesmos dias das 17 às 18 horas. Nas 3ª, à tarde, trabalhava e aprendia no Laboratório de Análises da Pediatria. Estava encarregado de organizar um curso a ser ministrado pelo Dr. Alvares.

Em junho, reencontrou-se com Bezerra Coutinho, seu grande mestre e incentivador. Onde se deu o encontro? Na Faculdade de Filosofia, onde ele fazia um curso de Lógica Matemática! De passagem, Máximo tinha tanto entusiasmo pelo assunto que me fez comprar, e ainda hoje possuo, mesmo sem entendê-lo, um livro de Álgebra Booleana.

Apresentou vários trabalhos no Centro de Estudos do HSE, e se emocionou e entristeceu com o falecimento de uma sua paciente, com doença de Hodgkin, fato que teria grande influência em sua vida, posto que aí conheceu sua futura esposa Tereza, irmã da paciente.

Fins de 1957, dizia-me que concluíra

um Curso de Radioisótopos no Instituto de Física. Escrevi, anteriormente, que o fato deu o azimute definitivo de sua vida científica. 70 candidatos lutaram pelas 20 vagas. Ele foi um dos selecionados: saía antes das 6 da manhã para chegar à Praia Vermelha, no Instituto de Física de onde só saía às 19:20 horas. Provas semanais, exigidos 2/3 de notas satisfatórias. Máximo teve 100% de aproveitamento. Obtida a qualificação, foi transferido para o recém-criado Serviço de Radioisótopos do Hospital do Ipase, continuando seu trabalho no Laboratório e no Setor de Hematologia.

Fez, ainda, um curso com o professor Leite Lopes sobre "As bases quânticas da teoria da valência", mas como ele brincava, no seu estilo, simples revisão do que aprendera com Luiz Freire.

Veio de férias ao Nordeste, em fevereiro de 58, reencontrando sua amada Recife e seus amigos; dias de muitas alegrias e recordações, que ele descreveria depois como a

"reconstituição do Complexo Homem-Meio, destruído há pouco mais de um ano".

Em 1959, teve intensa atividade científica. Tinha recebido convite para trabalhar em Manguinhos, mas ainda pensava em voltar ao Recife, onde Luiz Siqueira se preparava para suceder a Mário Ramos na cátedra de Microbiologia. Já sentia o peso da incompreensão do nosso Brasil para com assuntos mais sérios e mais corretos, lastimando-se em carta: "fazer ciência pura no Brasil é suicídio".

Abril de 1960 deu-me a oportunidade de vê-lo participar, com excepcional brilhantismo, do II Congresso Brasileiro de Endocrinologia e Metabolismo, no Rio de Janeiro, com soluções matemáticas para problemas de eritrocínica, até então só tratados por meios gráficos, com processos de extrapolação.

Em 1962, tirou o primeiro lugar na seleção para uma Bolsa em Radiobiologia na Universidade da Califórnia. Não concretizou essa Bolsa, posto que o eminente cientista Carlos

Chagas Filho, conhecendo seu valor, convidou-o para professor de Biofísica em Juiz de Fora, cargo que assumiu aos 29 anos de idade! Nasceu, a seguir, a sua Cecília.

Continuava sua inquietação intelectual, estudando tudo que dissesse respeito ao Rio Grande do Norte. Trabalhos seus continuavam a ser publicados, e ele muito solicitado a fazer conferências em várias partes do País. Ainda pensou em voltar ao Nordeste. Lastimava-se: - "Meu caro: fazer ciência não é fonte de alimentos no Brasil; quanto mais conhecido cientificamente, menos dinheiro se ganha".

Imagino quanto Máximo se sacrificou através dos anos, em termos de aquisição de livros e revistas, vivendo somente dos seus salários de médico e professor! Vingt-un, apesar de querê-lo aqui, achava que um centro maior dar-lhe-ia as oportunidades (como deu) de desenvolver seus talentos. Encontrando-se na Presidência do Instituto Brasileiro do Sal, e tendo conseguido inaugurar, em tempo record,

um primoroso Hospital em Mossoró, Vingt-un conseguiu que Máximo viesse organizar um Centro de Estudos, que tomou o nome de Tércio Rosado, justa homenagem a uma das maiores expressões culturais do Rio Grande do Norte. Tércio, portador de vários diplomas de nível superior, lembrava muito Máximo: professor de Farmácia Química da Universidade do Recife, por concurso; idem, de Francês, do Ginásio Pernambucano; professor de Economia na Escola Politécnica, poeta, cooperativista, escreveu sobre os mais variados assuntos, enfim, um homem além do seu tempo.

Máximo veio a Mossoró, organizou o Centro de Estudos, fez seu Regimento, publicou seu Boletim. Em 1964, em Mossoró, um Hospital modesto, sem ser de ensino, tinha uma Biblioteca refrigerada, onde, de início, foram assinados vinte e seis periódicos, nacionais e estrangeiros, tudo sob a orientação de Máximo e a chancela de Vingt-un. Deixando este a Presidência do Instituto do Sal, não

contou o Hospital, e muito menos o Centro de Estudos com a simpatia dos sucessores, vindo a se extinguirem ambos, melancolicamente. Máximo se entristeceu com o fato, e dizia que tudo aquilo pressupunha a existência de um idealista como Vingt-Un na Presidência.

Aquela altura, Máximo já era conceituado, e altamente respeitado na comunidade científica brasileira. Autoridade em Radioisótopos, em se tratando de Hematologia com os mesmos, era reputado o maior nome do Brasil.

Gostaria de voltar ao Hospital Francisco Menescal, seu Centro de Estudos e seu Boletim, a propósito de um fato. Em outubro do ano passado, voltando eu aos Estados Unidos, em viagem de estudos, um familiar, com problemas hematológicos me solicitou, coisa de resto muito natural, que procurasse ver o que havia de novo para se tratar, o que fiz junto a quem de direito, e enviei a resposta ao meu parente. Só que o tratamento indicado, em 1988, havia sido utilizado pioneiramenu

te por Máximo, no Brasil, e publicado no Boletim do Centro de Estudos, sob o título: "A desferroxamina B no controle terapêutico da hemocromatose-Nota Prévia", e isto em 1964!

Retomemos o fio da meada. Já assim reconhecido, não foi surpresa que Máximo se tornasse cientista qualificado pela Agência Internacional de Energia Atômica junto à Comissão Nacional de Energia Nuclear. Passou a executar aquilo que seria um dos pontos mais altos de sua carreira: o estudo da má nutrição em crianças, com proteínas radioativas, campo em que tinha, talvez, a maior experiência mundial, ao lado do indiano Jeehjeeboy. Esta tarefa o empolgou até os últimos limites. Visitando o Rio de Janeiro em Congresso de minha especialidade, Máximo levou-me ao local onde colhia a maior parte do seu material. Lá chegando, muitas crianças, em um ambiente até alegre e limpo que não deixava transparecer problemas maiores, Máximo me pergunta: você sabe onde está? respondi: não tenho a menor

idéia, mas me parece uma creche, ou coisa parecida. E ele apontando para um determinado local me diz: Meu caro, essa é a Roda, a famosa Roda dos Enjeitados, tão falada por nossos romancistas; aqui eram abandonados os filhos indesejados, por essa ou aquela razão.

Máximo foi para Viena, ainda convalescendo de uma papeira, e teve importantíssima participação. Ele me enviou esse trabalho, ainda datilografado, como sempre com uma de suas fraternas dedicatórias.

A Viena, Máximo retornaria em 1969, em outro Simpósio da Agência Internacional de Energia Atômica, agora sobre "In vitro procedures with radioisotopes in Clinical Medicine and Research". Como sempre, me mandou um cartão de lá, e classificava Viena como "essa cidade que teimo em achar fria e cinzenta". Em 78, visitando Viena a passeio, não resisti em lhe mandar um cartão, onde brincava com ele dizendo que só um pau-de-arara de Augusto Severo não poderia descobrir os encantos

daquela cidade.

Antes de Viena, ele estivera estagiando no Brookhaven National Laboratory, em Upton, New York, com o Dr. Eugene Cronkite.

Há uma passagem que eu gostaria de novamente relatar, posto que já o fiz em ocasião outra, e que bem dá conta de certas dificuldades. Voltando de Viena, após tudo isso que foi narrado, encontrou seu ponto cortado em uma das repartições em que trabalhava...

Continuava com sua agenda cheia no Brasil e no Exterior, cada vez mais solicitado e reconhecidos os seus méritos.

Ainda ensinou em Juiz de Fora até 1970, com muito sacrifício, até que já estando como Professor de Biofísica na Universidade Gama Filho, viu-se forçado a deixar a Manchester mineira, não sem antes, muito ao seu feitiço, ter preparado convenientemente seus substitutos para que o seu programa não tivesse solução de continuidade.

Em 1972, passou todo o ano em Manchess

ter, na Inglaterra, no Paterson Laboratories, como Professor Visitante, com numerosas atividades. Foi um ano tranquilo, onde, encontrando excepcional ambiente de trabalho e organização, muito aprendeu e realizou.

Abro um parênteses para dizer que, apesar dessa agenda super concentrada, jamais deixou de atender qualquer solicitação do Rio Grande do Norte. Veio aqui várias vezes ministrar cursos, ajudou a organizar o Laboratório de Radioisótopos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e preparou todos os profissionais que lá exercem suas atividades. Por proposta nossa, esse Laboratório tem hoje o seu nome, com aprovação unânime de todos os colegiados da Universidade.

Seria cansativo continuar discorrendo quanto ao currículo de Máximo. Vingt-un fez essa revisão, que podemos sumarizar dando conta de 88 aulas ou conferências, 19 cursos ministrados, membro de inúmeras sociedades científicas nacionais e internacionais, participa

ção em 33 congressos vários, mais 37 conferências e palestras e participações em Mesas Redondas, organização e planejamento de 7 laboratórios ou instituições, 34 trabalhos publicados, além de capítulos em livros, 41 trabalhos apresentados em congressos, examinador em vários concursos, orientador de inúmeras teses, coordenador de vários projetos de pesquisa.

Sendo de uma vocação atávica de professores, Máximo exerceu, à perfeição, esse papel. Dominando brilhantemente seu campo de conhecimento, transmitiu-o de maneira eficaz, constante e desprendida. Jamais se negou a uma orientação, a uma ajuda.

A presença multiplicadora de Máximo no campo da Medicina Nuclear é inesgotável e marco definitivo de sua influência para todo o sempre. Que me seja permitido contar dois fatos ilustrativos e comprobatórios do que afirmo.

Alguns anos atrás, ainda exercendo

funções administrativas no Inamps, foi-nos enviada uma comissão, vinda do Rio de Janeiro, e percorrendo todos os estados, para verificar o sistema de proteção contra radiações, visando a segurança do nosso pessoal e dos beneficiários. Pela Comissão de Energia Nuclear, integrando esse Grupo de Trabalho, vinha a professora Anna Maria Campos de Carvalho, física. Nas reuniões, em se falando de Medicina Nuclear, ela trouxe à tona o nome de Máximo, por sabê-lo norte-riograndense. Tinha sido sua aluna, e não poupou elogios ao seu valor. Há pouco tempo atrás, assumiu a direção do Hospital Naval de Natal, o Dr. José Maria Sampaio de Almeida, cuja formação profissional, veio a me dizer, era em Medicina Nuclear. E logo me perguntou se eu conhecera Máximo Medeiros, de quem ele tinha recebido sua base técnica, adiantando, ademais, que seguramente, no seu entender, inúmeros outros Laboratórios de Medicina Nuclear, tanto das Forças Armadas, como de Universidades, como de organizações ci-

vis, tinham tido seus profissionais formados por Máximo.

Sábio e professor até o final. Ministrou seu último curso em Natal, em 1980, aparentemente bem, mas logo ao voltar ao Rio, foi surpreendido com uma hemorragia digestiva que veio a caracterizar a enfermidade que o vitimaria. Em novembro, nos avistamos pela última vez em casa de Walter, seu irmão. Pretendemos enganarmo-nos mutuamente, marcando o próximo encontro para o Congresso de Cirurgia no Rio, em julho de 81. Quando já se encontrava internado, na fase última de sua doença, tentamos conversar por telefone, mas suas condições físicas e emocionais não permitiram.

O progresso da doença levou Máximo a ficar imobilizado em uma cadeira de rodas. Isto não impediu que continuasse a dar aulas, orientar e examinar teses. Já muito doente, os alunos rodeavam seu leito, e ele se esquecia dos seus padecimentos, os olhos brilhavam com o mesmo fulgor do entusiasmo, e ele dava au-

las das quais os alunos saíam com os olhos ma rejados de lágrimas, como viu Wanda, sua ir- mã.

O destino ainda reservou uma carga adicional. Nessa situação, seu filho Máximo sofre acidente grave, ficando internado no mesmo Hospital, em outro andar. Foi um esforço tremendo de todos preparar o sofrido reencontro pai-filho, para que Máximo de nada des confiasse, o que, felizmente, parece ter sido conseguido.

Foi trazido à presença de Máximo D. Estevão Bittencourt, monge beneditino de extraordinária cultura e sensibilidade, com quem ele travou seus diálogos de preparação pa ra a última jornada. D. Estevão deu conta de sua condição, e chamaria a atenção, após sua morte, para a serenidade de sua fisionomia, contrastando com o sofrimento de tantos e tan tos meses.

A Coleção Mossoroense já publicou dois estudos sobre Máximo, um meu e outro de

Vingt-un - Também recebeu capítulo do livro "Cientistas e pesquisadores do Rio Grande do Norte", de Gonzaga Cortez.

Caía a tarde de 25 de março de 1981. Às 18:45, hora crepuscular com o horário de verão, Máximo entregava sua alma ao Criador. Aquele que, em vida, partira a desvendar os segredos e mistérios do microcosmos, seguia agora pelo Universo infinito.

Quem não o conheceu e basear seu julgamento na fria análise do seu currículo, ficará impressionado com a notável bagagem de quem tão jovem morreu, mas, certamente, deixaria de perceber o que de melhor havia em Máximo: sua singeleza, sua simplicidade, sua simpatia, sua amizade, seu calor humano.

Desafiando a marca do tempo, dele se poderá dizer como Jean Cocteau referindo-se a Proust: - "Sua obra continua a viver como os relógios nos pulsos dos soldados mortos".

Mossoró, 3 de março de 1989.

CURRICULUM VITAE

1. NOME:

- CARLOS ERNANI ROSADO SOARES

2. FILIAÇÃO:

- Manoel Messias Soares

- Maria de Melo Rosado Soares

3. NATURALIDADE:

- Mossoró-RN

4. NACIONALIDADE:

- Brasileira

5. DATA DO NASCIMENTO:

- 1º de junho de 1934

6. ESTADO CIVIL:

- Casado

7. NOME DA ESPÔSA:

- Madalena Maria Galvão Soares

8. FILHOS:

- Lorena Galvão Soares (Arquiteta)

- Herman Galvão Soares (Universitário)

9. CURSO PRIMÁRIO:
 - Ginásio Rui Barbosa (Natal)
 - Colégio Dom Bosco (Manaus)
10. CURSO GINASIAL:
 - Colégio Moderno (Belém)
 - Colégio Castelo Branco (Fortaleza)
11. CURSO CIENTÍFICO:
 - Colégio Castelo Branco (Fortaleza)
 - Colégio Nóbrega (Recife)
12. CURSO SUPERIOR:
 - Faculdade de Medicina da Universidade do Recife - Grau de Médico - 1957
 - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Natal) - Licenciado em Língua e Literatura Inglesas - 1965
13. IDENTIDADE:
 - Nº 32.272 - ITEP-RN
14. INSCRIÇÃO PROFISSIONAL:
 - Nº 67 - Conselho Regional de Medicina
15. RESIDÊNCIA:
 - Avenida Nascimento de Castro, 1992
59.050 - Natal-RN

Prestou vestibular à Faculdade de Medicina da então Universidade do Recife, tendo sido classificado em 1º lugar; fez o curso médico de 1952 a 1957, tendo sido aprovado por média em 31 das 34 cadeiras componentes do currículo, e plenamente nas 3 restantes. Colou grau em 7.12.57, tendo sido orador da turma. Durante o curso médico fez vários cursos de extensão, tendo sido ainda Interno por Concurso do Pronto Socorro do Recife, aprovado no concurso para interno da Clínica Propedeutica Cirúrgica, interno da Clínica Cirúrgica Infantil e Ortopédica, e Auxiliar Acadêmico do Hospital Getúlio Vargas (ex-IAPETC).

Desde 1958, exerce suas atividades profissionais em Natal. Em 1959, começou a lecionar na Faculdade de Medicina de Natal, como Assistente da Cadeira de Técnica Operatória e Cirurgia Experimental, sendo fundador da mesma sob a chefia do professor Travassos Sarinho. Por ocasião da aposentadoria deste em 1979, passou a reger a referida disciplina.

No âmbito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, exerceu os seguintes cargos e funções: sub-chefe do Departamento de Cirurgia, Chefe do Departamento de Cirurgia, Diretor do Centro de Ciências da Saúde, Membro do Conselho Universitário, Membro do Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão, Membro do Conselho de Curadores, Membro do Conselho Editorial, Membro do Conselho Departamental do Centro de Ciências da Saúde.

Foi Presidente do Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio Grande do Norte, e Membro Suplente do Conselho Federal de Medicina. Primeiro Secretário da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio Grande do Norte, tendo pertencido ainda, várias vezes, às Comissões Científica e de Defesa Profissional da mesma.

Membro Titular do Colégio Brasileiro de Cirurgiões e Fellow do International College of Surgeons. Membro Efetivo da Sociedade Brasileira de Cirurgia Pediátrica. Membro da

Sociedade de Gastroenterologia do Rio Grande do Norte.

Mestre do Capítulo do Rio Grande do Norte do Colégio Brasileiro de Cirurgiões , reeleito para o período 89-91.

Redator para o Rio Grande do Norte , durante doze anos, da Revista e do Jornal da Associação Médica Brasileira.

Fez parte da Comissão Editorial da Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões , Editor da Revista SAÚDE, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e durante muitos anos editor de sumários em Português da Revista International Surgery do International College of Surgeons. Integra o Conselho Editorial da Revista do Hospital das Forças Armadas em Brasília-DF.

Fez vários cursos e estágios de aperfeiçoamento no Brasil e no exterior. Em 1963, esteve no Karolinska Sjukhuset, em Estocolmo, como bolsista da Agência Sueca de Assistência Internacional. Em 1968, estagiou no Maine Me-

dical Center, em Portland, Maine, Estados Unidos da América. Em 1988, voltou ao Maine Medical Center na qualidade de Professor Visitante.

Participou de inúmeros congressos nacionais e internacionais, no Brasil e nos Estados Unidos, tendo apresentado diversos temas livres, e participado de Mesas Redondas e Paineis.

Tomou parte na Comissão Científica de Congressos de âmbito nacional em diversas oportunidades, e presidiu as mesmas em vários conclave estaduais.

Pronunciou sucessivas conferências em Centros de Estudos e/ou Universidades, no Rio Grande do Norte e em outros estados.

Tem 22 trabalhos publicados em Revistas e Jornais, e também dois títulos na Coleção Mossoroense.

É Membro Fundador da Academia Norte Riograndense de Medicina, ocupando a Cadeira nº 18.

Foi Vice Presidente da Sociedade Cultural Brasil - Estados Unidos, e atualmente , faz parte do Comitê Diretor da Aliança Francesa de Natal.

Radioamador classe "A", licenciado em 1979.

Professor homenageado pelas turmas da Faculdade de Medicina por 25 vezes, tendo sido Parainfo e Patrono em várias oportunidades. Parainfou ainda turmas de técnicos e auxiliares de enfermagem da UFRN.

Foi agraciado pela Marinha do Brasil em 1974, com o título de "Amigo da Marinha" , e com a Medalha Santos Dumont, pelo Ministério da Aeronáutica em 1982, e pelo Exército Brasileiro, em 1983, por serviços prestados às suas unidades de saúde.

Em 1988, recebeu do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, a medalha de Honra ao Mérito por "relevantes serviços prestados à cirurgia brasileira".

Fez parte da Liga Norte-Riograndense

de Combate ao Câncer, e durante muitos anos , foi Vice-Presidente do Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio Grande do Norte.

É Sócio Benemérito e Membro do Conselho Administrativo do Hospital Professor Luiz Soares.

Representando a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, por indicação da Reitoria e nomeação do Governador do Estado, é Membro do Conselho Diretor da Fundação Hospitalar Walfredo Gurgel.

Tem Título de Especialista em Cirurgia Geral e em Cirurgia Pediátrica, conferido pelas respectivas sociedades científicas.

É Sócio Fundador da Associação dos Profissionais da Crônica Desportiva do Estado do Ceará, e sócio efetivo da ACERN.

Integrou a Banca Examinadora em inúmeros concursos na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na Paraíba e em Pernambuco.

Exerceu as funções de coordenador Re-

gional de Administração Médica do INAMPS, no Rio Grande do Norte, de 1978 a 1987.

Foi Diretor Substituto do antigo Hospital dos Pescadores de Natal e Médico Legista da Secretaria de Segurança Pública.

É Sócio Efetivo da Sociedade Brasileira para o Desenvolvimento da Pesquisa em Cirurgia e Sócio Individual da Associação Brasileira de Educação Médica.

É possuidor do "Certificate of Proficiency In English" pela Universidade de Ann Arbor, Michigan, Estados Unidos.

ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE CIÊNCIAS - ANOCI
RELAÇÃO DAS CADEIRAS, ACADÊMICOS E PATRONOS

| CADEIRAS | ACADÊMICOS | PATRONOS |
|----------|---------------------------------|--|
| 01 | ALBUQUERQUE, Eudenilson Lins de | José Emídio Rodrigues Galhardo |
| 02 | BITTENCOURT, José Henriques | Daniel Pedro Ferro Cardoso |
| 03 | COSTA, Raimundo Saraiva da | Karl Beurlen |
| 04 | DANTAS, Edgar Ramalho | Cristovão Bezerra Dantas |
| 05 | GOMES, Uílame Umbelino | Augusto Severo de Albuquerque Maranhão |
| 06 | GUERRA, Otto de Brito | Felipe Neri de Brito Guerra |
| 07 | MAIA, Jerônimo Vingt-un Rosado | Pe. Florêncio Gomes de Oliveira |
| 08 | MATTHEWS, Henry Ramos | Antônio Campos e Silva |
| 09 | MELO, Veríssimo Pinheiro de | Luiz da Câmara Cascudo |
| 10 | MENDES, Benedito Vasconcelos | Eloy de Souza |
| 11 | MONTE, Sebastião | Cônego Luiz Gonzaga do Monte |
| 12 | PAIVA, Jorge O'Grady de | Manuel Teófilo da Costa Pinheiro |
| 13 | PEDROSA, Josué Fernandes | Joaquim Inácio de Carvalho Filho |
| 14 | PORTO, Mário Moacyr | Amaro Cavalcanti |
| 15 | RODRIGUES, João Batista Cascudo | Augusto Tavares de Lira |
| 16 | SANTA ROSA, Jayme da Nóbrega | José Augusto Bezerra de Medeiros |
| 17 | SEABRA, Eduardo Gomes | José Nunes Cabral de Carvalho |
| 18 | SILVA, José Aleixo Prates e | Jerônimo Rosado |
| 19 | SILVA, Paulo Sérgio Lima e | Luciano Jacques de Moraes |
| 20 | SOARES, Carlos Ernani Rosado | Máximo Medeiros Filho |

**ESAM: "DESENVOLVER O SEMI-ÁRIDO, DANDO
PRIORIDADE AO SOCIAL E AO ECOLÓGICO"**